
EDITORIAL

O mercado editorial brasileiro teve, neste ano de 1989, fortes razões para rememorar ou comemorar um solene triângulo desenhado pela História: Centenário da Proclamação da República, Bicentenário da Inconfidência Mineira e da Revolução Francesa.

Uma dessas lembranças aplicou à História de nossa República a imagem que se formou, na França, após o movimento de maio de 68:

“A História não se repete - ela **gagueja**...”

É verdade que tal gagueira, às vezes, acaba engasgando, gerando espasmos, emudecendo até. A **catarse** cívica que este ano eleitoral acrescentou ao já festivo triângulo inscreveu-se como exemplo de um desses picos de luta pela recolocação de nossa voz. Ela se **soltou nas estradas**, mas o que dizer, tão imediatamente, sobre seu tom, sua altura ou sua afinação?

A reorganização política brasileira inclui interlocutores e movimentos de segmentos da sociedade que clamam por justiça social e cidadania plena. Por isso, de novo, e nunca demais, aqui se encontram a questão da mulher e a questão do negro - ambas unidas pelos fios históricos da discriminação, da luta, da participação cada vez mais densa. Todavia, mirando tais questões, como a História gagueja!

Continuamos também auscultando ressonâncias e deslocamentos nas relações sociais e na organização do trabalho, transfixadas no cotidiano do trabalho escolar.

Aí se inscrevem as marcas de nosso atual processo de produção de conhecimento, ainda não exauridas - por isso, sempre insinuantes.

Elas se insinuam na retomada de expressivo texto de Bourdieu, especialmente traduzido para esta Revista, sobre as funções sociais da escola conservadora. Encarnam-se, com vigor, no estudo de caso que focaliza a Escola Caio Martins, e nas reflexões sobre a fundamentação do trabalho docente. As marcas continuam a insinuar-se na revisão e na busca de reorganização do campo da Didática, em seu movimento de integração de práticas e práxis; o campo da Psicologia Educacional é revisitado no mesmo tom de reconstrução.

A seção de artigos contempla, ainda, o sentido metafórico da biblioteca - vertente inesgotável na perspectiva metodológica e múltiplo espelho onde se projetam ou se escondem o explícito, o manifesto e o latente ou o oculto.

Na “2ª Leitura”, continuamos auscultando a permeabilidade do presente à luz do passado. Desta vez, registrando a memória da visita do francês SIMON a Belo Horizonte, através de impressões que ele próprio nos deixa, em 1930. Com isso, não só tangenciamos os bastidores do movimento psicométrico, captando, inclusive, sensibilidades já niveladas pelo tempo, como também relembramos o contexto da Escola de Aperfeiçoamento, objeto da mesma seção no último número desta Revista.

Permaneça a intenção viva de lembrar, para não esquecer. E, acima de tudo, em um campo tão vulnerável e catalisador como o nosso, a perspectiva tenaz de avançar... para não gaguejar.